



Paulo Henrique Durão

www.phydarquitectura.com
Lisboa, Portugal

Paulo Henrique Durão nasceu na Marinha Grande (Portugal) a 24 de Outubro de 1978. Estudou Arquitectura na Universidade Lusíada de Lisboa e torna-se arquitecto em 2002, tendo sido, neste mesmo ano, convidado para Assistente de Arquitectura II, exercendo esta função até 2010. Entre 2006 e 2010 é professor convidado de Projecto IV e V na Escuela Técnica Superior Arquitectura Madrid, na unidade docente de Campo Baeza. Actualmente encontra-se a fazer o doutoramento pela mesma universidade em Madrid.

Texto: Phyd Arquitectura

O atelier Phyd Arquitectura foi fundado por Paulo Durão em 2007, que entretanto é convidado para inúmeras conferências nacionais e internacionais. O seu trabalho tem sido divulgado em várias exposições, como a Bienal de Veneza em 2012. Os seus projectos e obras têm sido seleccionados para vários prémios, como o AR HOUSE 2010 e o Prémio ENOR 2009, tendo sido distinguido como um dos 20 jovens arquitectos mais promissores de 2013 pela revista Wallpaper*. Já em 2014 é identificado como uma das 40 personalidades abaixo dos 40 anos, que no seu domínio profissional está a transformar Portugal, segundo a Revista Exame.

Phyd Arquitectura com sede em Lisboa, tem vindo a desenvolver projectos em diferentes áreas e contextos, contribuindo no campo teórico com um conjunto de publicações que tratam em especial o tema: “O Tempo na Arquitectura”.



TEMPO NO IMAGINÁRIO

Texto: Phyd Architectura
Fotos: Phyd Architectura

Reflectir sobre o trabalho que desenvolvemos diariamente e sobre os elementos que colocamos sobre a mesa à hora de tomar uma decisão de projecto, nem sempre se afigura como tarefa fácil.

Pensamos que existem imensos elementos que interferem no processo de decisão, mas certamente que esta reflexão é sempre acompanhada de uma outra, em que acabamos sempre, por nos socorrer dos elementos que mais nos intrigam ou que mais nos despertam interesse.

Certamente que os temas que mais nos têm ocupado ao longo dos últimos anos, se relacionam com a relevância do “tempo”, enquanto elemento que participa na construção do imaginário em arquitectura. Estas reflexões têm-nos permitido observar e identificar um conjunto muito mais vasto de modos ou categorias do “tempo” se expressar em arquitectura, do que aparentemente poderíamos supor. Diríamos que podemos classificar o modo do tempo participar no imaginário da arquitectura em cinco grandes capítulos: Tempo Físico, Tempo Sequência, Tempo Suspenso, Tempo Actual e Tempo Permanência. Naturalmente estes cinco separadores abarcam uma multiplicidade de outras características ou subdivisões possíveis, mas interessa-nos neste contexto específico, explicitar a relevância destas categorias na prática profissional que temos desenvolvido.

Imaginemos um filme ou um livro. Obras que são em primeira instância uma construção do imaginário, facto que pressupõe a utilização e manipulação do “tempo” na narrativa dos mesmos. Estes aspectos que observamos são algo que identificamos também em arquitectura.

Ao pensarmos no trabalho que temos desenvolvido enquanto narrativa, não conseguimos também dissociar-lo do modo como o “tempo” se expressa nos projectos.

Observar a medida, a duração, o ritmo ou luz em que o “Tempo Físico” se inscreve sobre uma maquete, durante o processo de construção, assim como todo este processo é encerrado e concluído na obra terminada. Este é apenas um modo possível de observar o tempo.

Por outro lado ao considerarmos o “Tempo Sequência”, introduzimos um conjunto de novas possibilidades deste se expressar na obra, pensamos particularmente na articulação, no movimento, na sucessão, no início e no fim.

Anteriormente reportamo-nos a características que expressam o carácter quantitativo do tempo em arquitectura, mas naturalmente o carácter qualitativo é incontornável. Quantos de nós, não tiveram a percepção de absorver espaços, sítios ou cidades, qualidades absolutamente inegáveis, em que o silêncio, a poética, a contemplação e a metafísica, tomam corpo, modo este de expressão que denominamos de “Tempo Suspenso”.

Além disso, se aos anteriores acrescentarmos as características do “Tempo Actual” em que determinado trabalho é desenvolvido, ou seja, o seu posicionamento contemporâneo independentemente de ser passado, presente ou futuro.

Resta-nos mencionar o “Tempo Permanência”, ou as características do tempo que expressam o lugar, a história, a memória ou a matéria e que são indissociáveis de, O tempo esse grande escultor de Yourcenar.

Desenvolver um trabalho que tenta reflectir ou abordar as questões do tempo em arquitectura é algo que nos tem acompanhado e que tentamos expressar de forma operativa, com o intuito de conferir precisão aos projectos desenvolvidos.



RENOVA LOJA & TEATRO MÁQUINA DE CAPTAR TEMPO

Arquitetura: Phyd Arquitectura

Data: 2013 / 2014

Local: Almonda, Torres Novas, Portugal

Cliente: Renova – Fábrica de Papel do Almonda, SA

Existia desde o início a determinação em trabalhar o projecto como uma máquina, como uma “Máquina de captar tempo”. Naturalmente esta condição era resultante do sítio, do contexto e do espírito industrial, que se embrenhava no imaginário. Condição a que acrescia a vontade de tornar aparente o tempo e o seu reflexo no projecto. Um percorrer sobre o tempo e a luz nos espaços, que permitisse afirmar: a arquitectura capta tempo, a arquitectura captura o decorrer sobre o tempo.

Vontade que originava diferentes questões. Como é possível, que matérias tão pouco densas, como o ar e a luz, consigam captar o tempo dentro de um espaço? Será o tempo, passível de ser capturado através da Arquitectura? Ou

serão estas reflexões abusivas, apropriando-se indevidamente de elementos não relacionáveis entre si?

Espaço, Tempo e Arquitectura. Como será possível, através da Arquitectura articular estes diferentes conceitos?

A solução tomou corpo, a partir do momento em que encarámos neste projecto a possibilidade de a Arquitectura ser uma “máquina de captar tempo”, decisão que exigia uma metodologia própria na sua abordagem.

Conseguia-se com este facto fundamental dividir esta questão, em duas grandes áreas de actuação, “Superfície” e “Perfuração”.

Pensar o projecto através da superfície, conferindo-lhe continuidade e expressão antagonica, demarcando com

Texto: Phyd Arquitectura

Fotos: FG+SG

Fernando Guerra





Vista da Entrada Principal da Loja

precisão os limites das duas superfícies fundamentais do projecto: interior e exterior. Foi esta demarcação efectuada através, não só da matéria e da sua expressão própria, mas também através do desenho e da aferição do ponto de transição entre as duas superfícies.

Considerámos que a superfície exterior seria construída e caracterizada, pela expressão própria do aço.

Por oposição, a superfície interior seria caracterizada pela cor e pela sua expressão. Assim o uso contínuo, de uma mesma cor ou de uma mesma matéria atribui ao projecto elevado nível de abstracção, qualificando-o através de duas superfícies, de carácter antagónico, que conferem contraste e simultaneamente

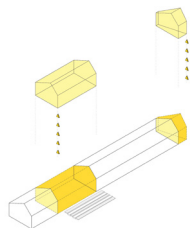
enfatizam a outra premissa fundamental: a perfuração.

A perfuração sobre a superfície, obtém-se através de dois mecanismos diferentes: o corte e a perfuração.

O corte verifica-se, nos seccionamentos efectuados na nave industrial pré-existente, resultando dessa acção as extremidades transparentes do espaço.

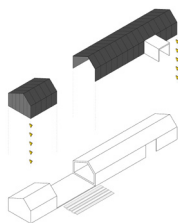
O mecanismo da perfuração verifica-se nas restantes operações, variando apenas a sua escala e dimensão, consoante a qualificação pretendida nos espaços.

Procurámos através desta máquina do tempo, construir espaços em que as pessoas pudessem experienciar a leveza e densidade do tempo e das suas diferentes temporalidades.



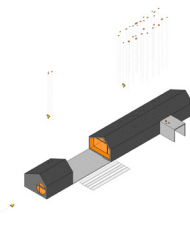
VOLUMETRIA ANTERIOR

✚ DESTRUIÇÃO



NOVA VOLUMETRIA

✚ SUPERFÍCIE



VOLUMETRIA DO PROJECTO

✚ PERFURAÇÕES



PER
CUR
SOS
FAA



CASA EM MOREIRA

A CASA QUE TEM INÍCIO E FIM

Arquitetura: Phyd Architectura

Data: 2010 / 12

Local: Moreira, Maia, Portugal

Cliente: Particular

Texto: Phyd Architectura Italo Calvino elege nas suas "Six Memos

Fotos: Javier Callejas For The Next Milenium": leveza, rapidez, exactidão, visibilidade, multiplicidade, começar e acabar. Elege estes opostos, como pontos de partida e de fecho da narrativa que quer construir.

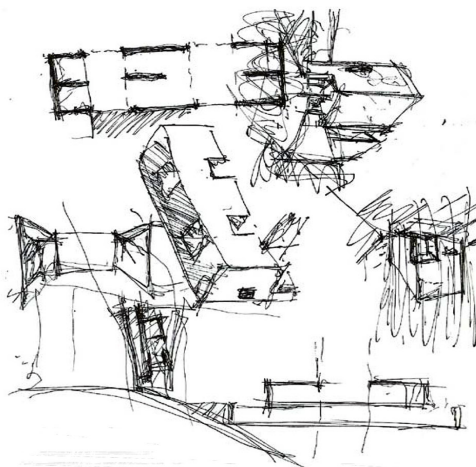
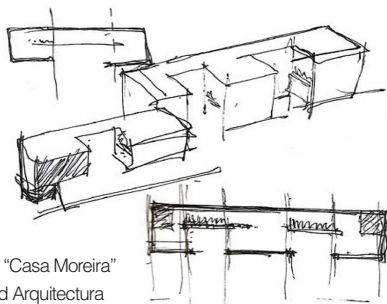
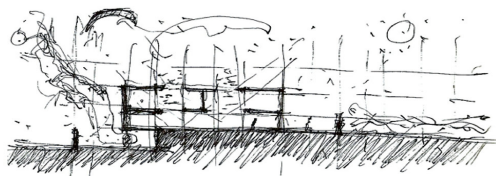
Em todos estes princípios, que parecem bastante certos, baseou-se uma reflexão que produziu o projecto de uma casa. Casa que se quer que tenha início e fim.

Na casa que agora se projecta manifesta-se a necessidade sentida a partir da envolvente de construir um fim para a mesma, suportada pelas personagens que a iriam habitar: Blimunda Sete-Luas e Baltazar Sete-Sóis, que possuíam dentro de si a enorme força do sonho de construir a máquina de Voar. Aqui, já não se tratava do sonho de Voar, mas sim do

sonho de construir uma vida, construir uma casa plena de sentido para essa mesma vida, em que a sua construção tem fim como a própria vida.

A casa relaciona-se com o terreno como um enorme objecto pousado, no qual se entra sob esse enorme peso da pedra, expressão de construir com uma gravidade ligeira.

Com este contra-senso, também espacial, entramos nela pela obscuridade quase absoluta, que progressivamente se transforma em "maciço" cheio de luz, que é acompanhada pelo encerramento simultâneo do espaço construído. Assim, consegue-se uma transparência dos diferentes espaços programáticos e o fim anunciado da casa como espaço único, com fim em si mesmo.



Esquissos da "Casa Moreira"

Imagem: Phyd Architectura



Sequência de espaços interior / exterior



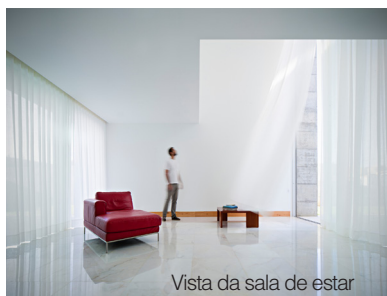
Vista à noite do exterior da habitação



Vista do pátio

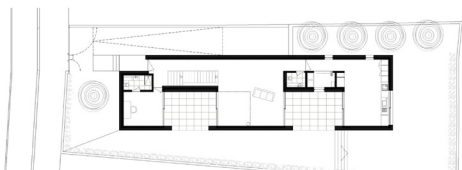


Pormenor da sequência espacial interior



Vista da sala de estar

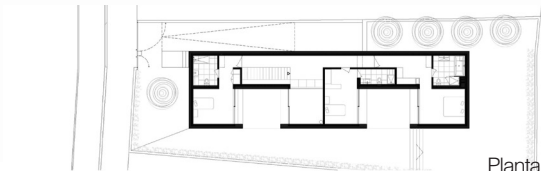
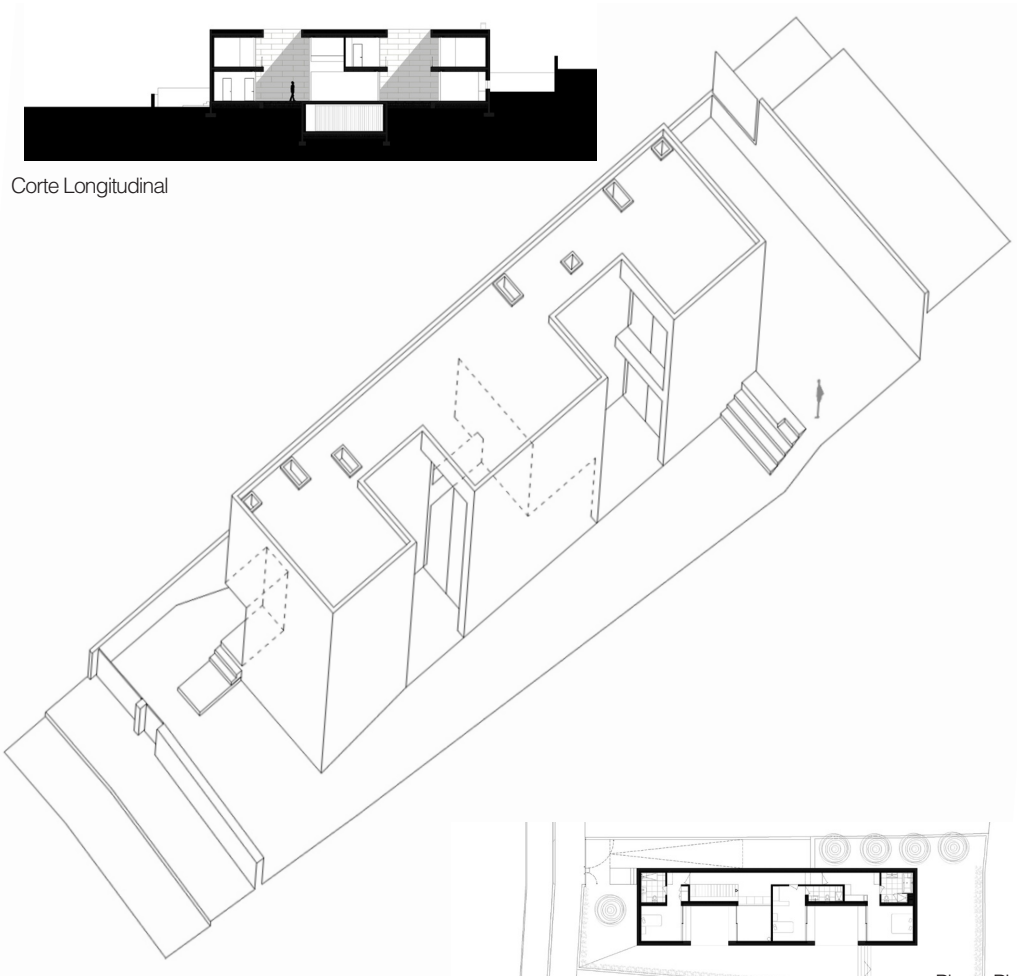




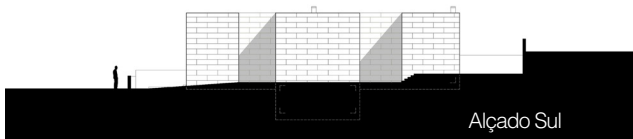
Planta Piso 0



Corte Longitudinal



Planta Piso 1



Alçado Sul



CASA EM PEDROGÃO ABAIXO DO SOLO, SOBRE O AR

Arquitetura: Phyd Arquitectura

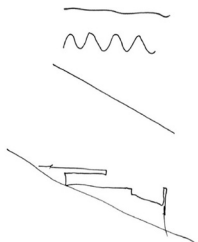
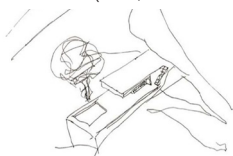
Data: 2006 / 08

Local: Pedrogão, Torres Novas, Portugal

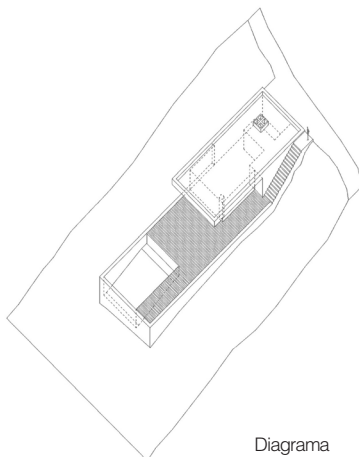
Cliente: Particular

“A minha relação com o tempo é, antes de mais, muito particular ... tentando exprimi-lo de uma maneira gráfica; entendo o tempo como uma grande tela, uma tela imensa, onde os acontecimentos se projectam todos, desde os primeiros até ao agora mesmo. Nessa tela, tudo está ao lado de tudo, numa espécie de caos, como se o tempo fosse comprimido e além de comprimido espalmado, sobre essa superfície; e como se os acontecimentos, os factos, as pessoas, tudo isso aparecesse ali não diacronicamente arrumado, mas numa outra arrumação caótica, na qual depois seria preciso encontrar um sentido.”

(Reis, Carlos : in Diálogos com José Saramago, Editorial Caminho 1998)



Esquissos da “Casa em Pedrogão”



Diagrama



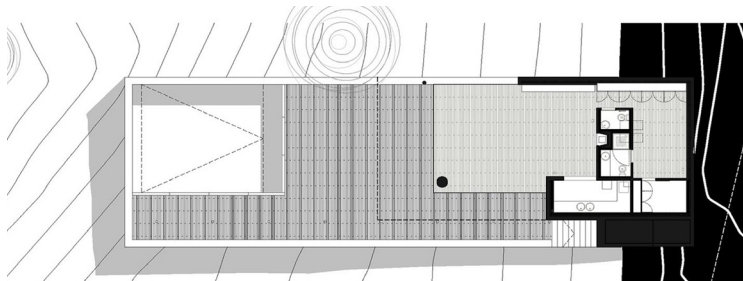


Texto: Phyd
 Arquitectura
 Fotos: Montserrat
 Zamorano Gañán

Com esta ideia de tempo, "Tempo Plano", descrito pelas palavras de Saramago, é possivelmente o grande sonho que tentámos construir. Uma Arquitectura enquanto instrumento de captação de sítios, topografias, paisagens, usos e pessoas, na qual esta desempenha apenas a missão de reter, dispor e organizar usos e qualidades do próprio sítio.

Um "Tempo Plano", arrumado pela topografia, arrumado pela função, arrumado pela qualificação do espaço: dormir encaixado no solo, estar entre o solo e o ar, estar no exterior, na paisagem. Plano Horizontal onde tudo acontece, que sentiu a necessidade de compreender como se poderia construir uma casa que conseguisse capturar o sítio e as vivências, que sentiu a necessidade

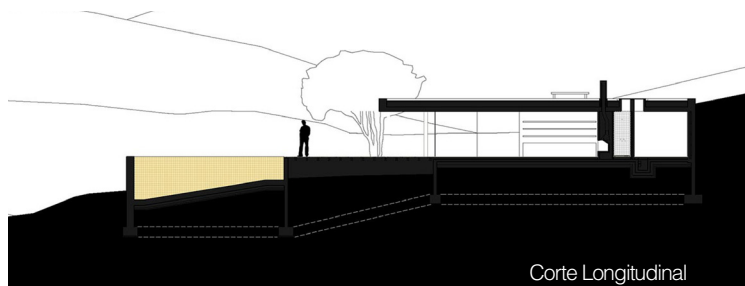
Planta Piso 0





de encontrar uma ligação lógica entre todas as coisas, ainda, que não pareçam ser de ali. Construir uma Casa, na qual se entra, a partir da cobertura de onde se cai nessa descida contínua em direcção ao interior, de tudo o que existe. Viver abaixo do solo, sobre o ar. Viver dentro da matéria, entre a paisagem. Como se a Casa, construísse sempre uma verdade e a sua oposição.

Numa relação entre a leveza e o peso, essa antítese, essa ilusão gravítica, que sempre alimentou os sonhos dos Arquitectos ao longo da história da Arquitectura, e que sucessivamente conheceu as limitações da técnica, como limite ao sonho. Também esta casa quer construir a leveza, com o peso próprio da matéria, que a técnica do seu tempo lhe impõe.





Vista noturna.
Relação interior / exterior



Vista exterior
da "Casa em Pedrogão"



Pormenor do lanterim
existente no quarto



Vista do quarto.